

Bolsas fecharam em baixa

ANTONIO XIMENES

Agência JB

SÃO PAULO - As principais bolsas de valores do país sentiram o impacto ontem das quedas dos pregões do Sudeste Asiático. Tóquio, Seul e Hong Kong recuaram 2,84%, 2,81% e 1,97%. Também fecharam em baixa a do Rio, com 1,3% e um giro de R\$ 29,261 milhões, e a de São Paulo, com 1,25% e um movimento de R\$ 559,265 milhões. Tanto o Ibovespa como o IBV (índices das ações mais negociadas nas bolsas) acompanharam a tendência da bolsa nova-iorquina que operou todo o dia em baixa.

Logo na abertura dos negócios, os investidores mostravam que não iriam contrariar a tendência internacional e passaram a vender ações. Essa estratégia provocou a queda do Ibovespa, e o recuo nos lotes de mil ações preferenciais (sem direito a voto) da Telebrás e da Eletrobrás, por exemplo, que fecharam com rentabilidade negativa de 1,47% e 2,26%, pela ordem.

Mesmo com esse quadro, a bolsa paulista acumula no ano uma alta de 15,2%, um número superior aos rendimentos dos pregões das bolsas de Buenos Aires, México e Nova Iorque. Segundo Fábio Pina, analista econômico do banco Fenícia, ainda existe uma margem segura para realização de lucros (venda de ações para aproveitar altas acumuladas de preços). "A rentabilidade da Bovespa (Bolsa de Valores de São Paulo), em um cenário internacional de crise, é sinal de que o Brasil conseguiu superar boa parte da crise de outubro".

O fôlego do mercado acionário brasileiro tem explicação: a entrada de dólares em março já ultrapassa a marca dos US\$ 9 bilhões, e o Banco Central atingiu o patamar de US\$ 64 bilhões de reservas cambiais. Com isso, os juros e o câmbio se mantêm. Tanto que os especialistas já trabalham com a possibilidade de o Comitê de Política Monetária (Copom) reduzir para algo em torno de 24% ao ano, a Taxa Básica do Banco Central (TBC), que hoje é de 28%. A reunião do órgão acontece no próximo dia 15, em Brasília.